

Desenvolvimento & Crescimento Econômico - III

Nilson Pimentel (*)

12/05/2017

Como se não bastasse o marasmo que esse atual governo arrastou a economia amazonense, sem capacidade nenhuma de reação frente à crise que passa toda Economia Brasileira, mesmo o estado do Amazonas possuindo esse enorme diferencial competitivo econômico, comparado com outros estados do norte, nordeste e centro-oeste, o projeto Zona Franca de Manaus (ZFM).

Incapaz de esboçar reações positivas que levassem a economia amazonense a outros programas e projetos de desenvolvimento econômico regional e, até mesmo nem deu cabo às ações estruturantes que pudessem viabilizar fatores indutores de atividades econômicas que já acontecem em determinados municípios do Amazonas, inclusive os da Região Metropolitana de Manaus (RMM).

É discutível nesse governo que foi deposto, na posição de alguns economistas do Clube de Economia da Amazônia (CEA), não ter conseguido formar uma equipe de trabalho secretarial que pudesse por em marcha determinados projetos e nem mesmos os de cunho político.

Contudo, alguns fatores cruciais foram determinantes, como a desestruturação organizacional da construção orgânica da administração pública do Amazonas, por exclusiva falta de visão da moderna gestão e governança pública, levada adiante por quem jamais teve experiências sobre tais procedimentos.

O que atualmente se reflete e se constata na administração pública estadual, em termos de formato organizacional, em nada se encontra paralelo ou similar no Brasil e em nenhum estado estrangeiro moderno.

Entretanto, desde o mandato-tampão desse governo cassado pelo Tribunal Superior Eleitoral (TSE) até o dia do julgamento final (04/05/2017), apesar de diversas incursões de proposições e sugestões, tanto aos programas de governo, quanto a formalização de Planejamento Econômico Estratégico (PEE) que pudessem dar rumo aos processos de Desenvolvimento Econômico Regional do Amazonas, bem como, a dissuasão da não desestruturação organizacional da administração pública do estado, nada disso se viu surtir efeito em um governo marcado pela incompetência e pela incoerência quanto aos destinos da economia amazonense, vejam e analisem os seus atos praticados relativos à economia estadual.

Há tempos que o Amazonas encontra-se em estagnação econômica, com exceção das atividades econômicas dinâmicas do Polo Industrial de Manaus (PIM) que no geral não depende, exclusivamente, das ações do governo estadual.

Outro fator que os economistas do CEA apontam são os recursos desperdiçados em peças de propaganda, de cunho que não traduzem a realidade que a sociedade amazonense sente e vive, os quais são exorbitantes para um estado de poucos recursos e mínimas ações positivas.

O que toda sociedade amazonense espera é que esses anos perdidos tenham ficado para o passado, até que tudo se recomece em 2019, em moldes mais promissores a um futuro melhor para o Amazonas e para os amazonenses.

Ressalte-se o que os especialistas do CEA discutem sobre o que se passa no Amazonas, em se tratando de Desenvolvimento Econômico Regional quando se detém sobre o imenso manancial natural de potencialidades econômicas regionais e que ainda nada se fez em termos de aproveitamento econômico racional que transforme tudo isso em riqueza para o povo amazonense.

Chega-se a questionar que nós não sabemos em que direção se quer ir, ou por que se contentar com as migalhas

desse presente que sobra das atividades econômicas do Polo Industrial de Manaus?

Migalhas essas que caem da mesa dos poderosos ('elite política') que "comandam" esse estado há 50 anos.

Por que o Amazonas e sua sociedade se apresentou incapaz de planejar seu futuro?

Que fatores impedem a ocorrência desse fato?

O Amazonas vive a mercê dos resultados do Polo Industrial de Manaus e, o que nos parece que embota toda sistemática para varias opções de oportunidades de desenvolvimento econômico endógeno.

Por que o Amazonas ainda não encontrou o caminho das pedras de seu próprio desenvolvimento econômico?

O que se tem discutido no CEA diz respeito à mentalidade que domina o espectro da política regional no estado do Amazonas, principalmente na capital-estado Manaus, cultura que se espraia seu modus operandi para toda gestão pública dos 61 municípios.

O primeiro fator em discussão entre os especialistas é a falta de comprometimento com o futuro, pois a grande maioria daqueles que militam na política no Amazonas não tiveram ou não foram educados e capacitados para construir o futuro, uma vez que ainda não são capazes de planejar esse futuro que tanto almeja a sociedade amazonense, haja vista o perfil que atualmente se descortina.

Os especialistas do CEA tomaram como exemplos recentes, todas as ações do governo deposto e as palavras do governador interino no dia de sua posse. Pois, para os economistas do CEA, planejar o futuro, como estratégia econômica e política, não é somente imaginar o que você como político quer, mas agir na forma da racionalidade social no presente, de modo a criar condições favoráveis que se concretize no futuro e o que almeja a sociedade.

Assim sendo, se tem assistido no Amazonas, a formação, a qualificação e a capacitação profissional no ensino médio e superior em total desconexão com as necessidades de transformação que a sociedade requer e necessita.

Ressalta-se que estabelecer objetivos e metas refletem o que realmente almeja a gestão pública e a própria sociedade de formas a alcançar o futuro promissor.

Para aqueles especialistas, existe um vácuo de atitudes na gestão pública estadual, do descompromisso com o futuro, pois o governante deve ter atitudes tomadas hoje para realizar metas, para implementá-las e executá-las, agindo no presente poderá estar atento aos desvios, as oportunidades e aos riscos que podem surgir nessa trajetória.

Contudo somente se aproveita desses fatores e suas potencialidades de sucesso quem está preparado para tal empreitada. Isto é, ter conhecimentos para realizar, por em marcha os programas e projetos de governo, pois a questão central é planejar.

Vejam o que acontece no governo do Amazonas, se vive tendencialmente o 'tapa buracos' e a busca do equilíbrio das contas públicas e aos reclamos do governante que a crise econômica o fez agir assim, recorrendo muitas vezes ao ilusionismo social, o impedindo de levantar a cabeça para o médio e longo prazos.

Pois, atitudes somente são tomadas por quem possui conhecimentos e comprometimento com o futuro, uma vez que, explicar as claras os atos de governo pode prejudicar a carreira política do governante e, assim, não o fazem.

O mundo mudou e a mentalidade da classe política e de nossos governantes ainda está no século passado.

Esse perfil da atualidade em continuada evolução com profundas e rápidas mudanças na comunicação e no acesso à informação, traz desenvolvimento em áreas como a nanotecnologia, biotecnologia, genética, inteligência artificial, cadeias de valor e produtividade acentuada, vai acelerar ainda mais essas transformações.

Por isso que os profissionais do CEA acreditam que o grande desafio é a adaptação dessa forma de pensar ao ritmo dessas mudanças, como condição fundamental para uma verdadeira inovação mental, como uma busca de soluções originais para problemas regionais de longo prazo.

Pois do contrário, se pode estar agindo de forma errônea com o futuro, tendo a ideia de “futuro enviesado”, como descreve o futurista Sohail Inayatullah.

Pergunta-se: Estamos construindo o futuro que desejamos ou se tomamos emprestada alguma visão de futuro surgida em outra realidade ou no passado?

Pois, estamos reproduzindo ou fazendo mais do mesmo há 50 anos e não se consegue implementar outro projeto de Desenvolvimento Econômico Regional e ainda mais, somente se consegue incentivar as mesmas práticas havidas no passado do Amazonas, como no caso do pescado e etc.

(*) Economista, Engenheiro, Administrador, Mestre em Economia, Doutor em Economia, Pesquisador, Consultor Empresarial e Professor Universitário: nilsonpimentel@uol.com.br.